

## INTRODUÇÃO

**Luciano Lourenço**

Departamento Geografia e Turismo, CEGOT e RISCO5,  
Universidade de Coimbra (Portugal)  
ORCID: 0000-0002-2017-0854    luciano@uc.pt

A edição desta obra, que foi pensada para ser a primeira e, por conseguinte, para abrir a nova série “Riscos e Catástrofes”, foi concebida para fazer o enquadramento desta série na chamada Cindínica, a ciência que estuda os riscos naturais, antrópicos e mistos, bem como a prevenção das suas plenas manifestações, as catástrofes.

Como é sabido, o termo provém do vocábulo grego *Kyndinos*, que significa “perigo”, uma vez que a manifestação dos riscos normalmente acarreta perigo para as sociedades, quer seja diretamente para as pessoas, quer diga respeito aos seus bens.

Este termo foi ganhando consistência durante o último quartel do século passado, tendo sido definido nessa época, mais precisamente na década de noventa, altura em que foi popularizado por George-Yves Kervern, através da sua célebre obra *Éléments fondamentaux des Cindyniques*, publicada em 1995 e traduzida para português nesse mesmo ano.

Nesta publicação, o signatário além de enquadrar a problemática associada ao estudo dos riscos, especificou o significado de alguns dos principais conceitos, bem como definiu a metodologia desta nova disciplina concebida com um caráter holístico, completamente diferente das análises parcelares feitas pelas outras ciências que também estudam os riscos numa perspetiva mais especializada, quer se trate de ciências naturais, de ciências sociais e humanas ou, mesmo, de ciências económicas.

Com efeito, ao contrário destas ciências mais específicas, que apresentam uma versão especializada mas parcelar dos riscos, as ciências cindínicas procuram concentrar-se no estudo global dos riscos, através de uma análise e visão holística desta temática. De facto, apenas as ciências cindínicas possuem os riscos como objeto central e único de estudo, envolvendo todos os tipos e as diferentes fases de manifestação dos riscos, desde a prevenção até à recuperação das áreas onde se manifestaram, bem como os seus intervenientes, desde as personagens às infraestruturas, ao contrário do que sucede com as outras ciências que consideram os riscos mais

como manifestações, as quais são estudadas apenas nos aspetos que dizem respeito à respetiva especialidade.

Acresce que esta abordagem cindínica procura ser global e sistémica, isto é, tenta ter em linha de conta todos os elementos que explicam os diferentes tipos de risco, desde a sua origem: natural, antrópica ou mista, até às consequências provocadas pela sua manifestação, tanto nas pessoas, como nos seus bens e haveres.

Ora, pela sua dupla formação, tanto em ciências da natureza, no domínio da geografia física, como em ciências sociais, na componente da geografia humana, os geógrafos estão particularmente bem posicionados para se interessarem pelas ciências cindínicas, tanto mais que a geografia, enquanto ciência de síntese e ponto de convergência de vários saberes, lhes permite materializar, de forma muito particular, as implicações espaciais, sociais e ambientais dos riscos e das suas plenas manifestações, as catástrofes, nos diferentes territórios.

Com efeito, a sua formação na componente física, permite-lhes serem particularmente sensíveis aos processos que estão subjacentes ao desenrolar dos diversos fenómenos naturais que podem originar riscos, procurando situá-los no tempo e no espaço, já que a maior ou menor severidade dos danos por eles causados resultará dessa localização, bem como da intensidade com que o fenómeno se vier a manifestar.

Por outra parte, a componente humana da sua formação, deixa-os particularmente preparados não só para a análise dos fenómenos que desencadeiam riscos antrópicos, mas também e sobretudo para interpretar a vulnerabilidade das sociedades e das infraestruturas que ficam expostas à manifestação do risco, decorrentes da respetiva fragilidade e das eventuais capacidades de antecipação e de resposta, outro aspeto fundamental a ter em conta na avaliação desses danos, outro papel para o qual também estão habilitados, pelo que não será de estranhar que muitos geógrafos se tenham dedicado ao estudo dos riscos.

Acresce que a sua formação em ordenamento do território lhes permite fazer leituras precisas sobre o modo como os territórios devem estar ordenados para uma adequada gestão dos respetivos riscos, através das medidas cautelares consideradas necessárias e que, entre outras, passam por medidas estruturais, que decorrem do zonamento em diferentes níveis de risco, e por medidas conjunturais, designadamente de informação, sensibilização e educação.

Com efeito, ao longo dos anos em que temos vindo a desenvolver investigação científica, percebemos que a educação é a forma mais adequada para resolver os problemas com que qualquer país se possa debater e que o conhecimento técnico-científico, materializado em diversos saberes, é fundamental para uma educação devidamente sustentada, pelo que a proposição desta nova série também pretendeu dar um contributo para o saber cindínico e, através dele, para uma melhor educação e uma maior resiliência da população às manifestações de risco e, por conseguinte, contribuir para a redução do risco.

Porque possuem esta visão holística e pela sua capacidade de realizar sínteses, os geógrafos estão bem posicionados para liderar equipas cindínicas em que a intervenção de outros profissionais especializados (das engenharias à sociologia, da geologia à história, da economia ao jornalismo, da química à antropologia, da medicina à informática, para referir apenas algumas das ciências intervenientes) é essencial, para levar a bom porto uma correta gestão dos riscos, a fim de prevenir a sua manifestação e, sobretudo, a minimização das suas nefastas consequências, sempre que eles vierem a manifestar-se, por não ter sido possível evitar essa sua manifestação.

Talvez por essa razão também não será de admirar que grande parte dos autores dos capítulos, tanto deste livro como dos seguintes, além de associados da RISCOS, muitos deles sejam também doutorados em geografia. Obviamente que não se trata de uma condição *sine qua non*, pois há diversos autores especialistas de outras áreas científicas e foram convidados outros que declinaram os convites, mas apenas denota essa maior propensão dos geógrafos para se dedicarem ao tratamento deste temas, razão pela qual é desta área científica que surgiu a maior parte dos autores, mas a série está naturalmente aberta à participação de todos quantos nela queiram publicar os resultados da sua investigação científica na área das ciências cindínicas.

Feito o convite, aguardamos pelos vossos contributos, na expectativa de que esta série possa vir a publicar muitas obras e, assim, possa servir para educar e, através da educação, contribuir para a redução do risco.